



José Cardoso Pires

Notícias da cidade celeste

Sempre modernos por natureza, os portugueses aderiram ao bú-zio tecnológico e até mesmo na praia as meninas "top-less" o encostavam ao ouvido como se fossem sereias. Nos carros só não telefonava ao volante quem não tinha modernidade e, para se pertencer ao mundo do sucesso, antes de mais nada o telemóvel.

ESTANDO UM DIA as manas Assumpção em mesa de pé-de-galo, chegou-lhes uma voz do Além a despertá-las para a Lisboa que as rodeava depois da queda de Anibal e dos seus centuriões da modernidade. A mensagem veio em morse de pé de mesa no sobrado, como é próprio das conspirações espíritas, mas a mana que a traduziu fê-lo numa pronúncia de homem apessoado que lhes era de todo estranha. Senhoras de muito recolhimento, fechadas a sete chaves entre o televisor e as conversas com as almas, as manas ficaram surpreendidíssimas com aquela voz desconhecida porque nas suas relações transcendentais só se davam com espíritos da maior confiança. Este só podia ter-lhes aparecido por erro de concentração, por uma interferência de ondas ou outra avaria qualquer.

As comunicações repetiram-se e fosse qual fosse a mana que as traduzisse era sempre na mesma voz: um silabar precioso que fazia lembrar aquele historiador ao domicílio em formato RTP que em tempos fora ministro e tratador de gorilas da universidade.

De qualquer maneira, em vida aquele espírito devia ter sido um cavaleiro bem informado porque, lá do Além, contava o que se passava cá em baixo com uma erudição de mestre. As manas Assumpção, sempre fechadas à meia luz, convenceram-se de que o historiador televisivo que tanto apreciavam era a encarnação do espírito que as visitava em código do outro mundo.

Os médiuns e os Allans Kardec disponíveis confirmaram: o doutor que aparecia no ecrã não passava duma imagem de arquivo focada em castelos, mosteiros e cenários de vários períodos históricos e o de agora, o real, era alma falante e nada mais. Uma "inteligência

não incorporada", como diziam os tratados metafísicos. Posto isso, as manas espíritas deixaram-no no televisor a apregoar medalhas histórico-bancárias para o ouvirem à mesa de pé-de-galo.

E ouvindo-o, obedeceram ao conselho que ele lhes deu de saírem de casa para descobrirem o Portugal celeste que a década do professor Cavaco nos tinha legado e, sem mais demoras, começaram por Lisboa.

E admiraram. E comoveram-se. Viram os hotéis cheiinhos de querubins da terceira idade, principalmente das classes menos favorecidas. Descobriram que o dr. Catroga desde os tempos de ministro de Cavaco Silva que andava a angariar fundos para o tornar Presidente. Que o dr. Silva Peneda, idem; mas que, se o dinheiro não chegasse, Catroga iria hipotecar os milhares de contos da reforma mensal que tinha conseguido inventar. Que os bispos brasileiros do cinema Império queriam levar o Reino de Deus para o palácio presidencial de Cavaco — enfim, a solidariedade prometida.

Mas o que mais as impressionou na descoberta da capital foi a multidão de cidadãos que se passeava por toda a parte de telemóvel na orelha. O espírito historiador já lhes tinha chamado a atenção para o fenómeno numa das suas comunicações em morse de pé-de-

galo. Comparara os teleditos às campanhas do Diogo do Couto de há quatrocentos anos, dizendo que nesse Portugal tudo o que se fazia era ao som de campanas tangidas. No telemóvel estava a afirmação da modernidade, disse ele, porque as comunicações não só davam uma nova dimensão ao país como eram instrumentos de aproximação e de solidariedade.

De facto, sempre modernos por natureza, os portugueses aderiram ao bú-zio tecnológico e até mesmo na praia as meninas "top-less" o encostavam ao ouvido como se fossem sereias. Nos carros só não telefonava ao volante quem não tinha modernidade e, para se pertencer ao mundo do sucesso, antes de mais nada o telemóvel. No restaurante, para fazer ponta a uma donzela, telemóvel em cima da mesa. Na sala de espera do aeroporto, para o "jet-set" de encomenda, nada mais nobre do que um computador portátil nos joelhos e um telemóvel ao lado. E assim por diante.

Embora deslumbradas, as manas Assumpção com certeza que não conheceram todas as vantagens desse instrumento ambulante que, além de trabalho, é de má-língua e perito em transmitir pornografias e gravações de Deus te livre. Além disso, vive de mistérios indecifráveis como o daquele novo-rico analfabeto que dispunha de três-telemóveis-três e por nenhum deles podia comunicar com a família porque não tinha telefone em casa.

Mas isso também não interessaria muito às manas. Quando regressaram à mesa de pé-de-galo, ouviram o espírito-doutor em tais elogios aos telemóveis que, sozinhas e sem mundo, acabaram por comprar um.

Para comunicarem com o Além? ●